

07-01-2022

MEU CORPO PELAS CIDADES (II – PALMAS – OU SOBRE LIÇÕES INCONCLUSAS)

Alisson Azevedo

[Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás]

A Palmas onde morei no fim do milênio, durante dois anos de lições inconclusas, chegava a uma década de existência mais ou menos como Brasília: meio planejada, meio espalhada, e com pouca gente nas calçadas e nas esquinas. (Quando havia calçadas e esquinas).

O que havia mesmo eram obras por todo lado, mal iniciadas umas, inacabadas outras, além de um inclemente sol sem praia. A praia veio depois... cego com sofrível orientação espacial - o que, a julgar pelo desempenho de muitos dos meus colegas, não tem necessariamente a ver com a cegueira -, eu construí minha incipiente mobilidade nos espaços compactos e barulhentos do centro de Goiânia, entre botecos e camelôs. Por isso naquela Palmas sem barulho de gente nas ruas, e com muito ruído de obra, eu comeci por não dar um passo sozinho, regressão que muito me afligia às portas dos dezoito anos.

Na escola luterana onde fui bolsista, primeiro cego e poeta oficial, era também um ateu considerado pela direção. Tanto que tentaram me converter, me levar para um seminário no sul, me tornar quem sabe um pastor luterano egresso do materialismo histórico. E talvez tivessem conseguido, se eu não tivesse me envolvido, por vias bastante transversas, com uma comunidade mística que compartilhava um chá da Amazônia capaz de enfiar o sagrado goela abaixo de qualquer materialista - que dirá eu, que sempre fui fraco pra tempero forte.

E para além do chá, o tempero forte da vez era Ravena, a filha do mestre da comunidade. Ela não me prometeu nada, nada me deu, mas me mostrou que o corpo vai muito além dos retalhos que eu conhecia de passagem: um rosto sem linhas finas, um seio num relance, coxas por desvendar. Foi assim que descobri as reentrâncias do desejo, como uma combinação do cheiro de erva com o cheiro da pele, ou o simples jogo entre os cabelos e o corpo, que acontece no “doce balanço, caminho do mar” - ou do rio, como era o caso -, ou num passo de dança.

Todas essas lições sensitivas de beleza foram inseridas à nossa rotina, com leveza e sem qualquer didatismo. Com seu corpo ora lépido, ora livre, ora lânguido, Ravena me mostrou que a beleza requer simetria e inteireza, as quais eu iria perseguir vida afora sem jamais alcançar, mas também requer radiância, que Joyce - ou S. Tomás de Aquino - chama de “encantamento do coração”. E foi Ravena quem me encantou para sempre pelo corpo, por suas sutis nuances e possibilidades infundas - inclusive o impossível. Libertária, ela me mostrou que eu era sim um corpo desejanse, e não o bibelô infantilizado que as barreiras de atitude tantas vezes impostas às pessoas com deficiência fazem supor - inclusive a elas próprias. Quando cessaram aquelas lições inconclusas, percebi que já saía de casa sozinho. Um motoboy me levava, mediante paga, módica para ele, mas para mim nem tanto, aonde eu quisesse ir naquela cidade de espaços agora abertos. E de corpos abertos, inclusive o meu. Nas lições da escola é que eu não ia muito bem. Trigonometria, óptica, genética... Quanta visão no meu campo!

Nem a gramática me interessava: sempre as lições inconclusas...

Opotei pelo verso, pela prosa e pela política estudantil.

E pela musa, fatalmente. Ariana apareceu numa tarde de fim de plantão de dúvidas, que no meu caso só aumentavam.

Falamos de marxismo, de Marisa Monte, e não trocamos telefone, que eu ainda não tinha. Ela estudava noutra escola. Nos dias seguintes escrevi um poema, mandei flores, e lutei em casa pela aquisição do telefone. Vieram as intermináveis ligações. Meu pai reclamou da conta, minha mãe cantou alto da janela os hinos da igreja, mas nada nem ninguém podia contra aquela febre virtual e metafísica.

Era um encontro de almas, era uma explosão de versos, era um surto existencial. Só não havia corpo: sempre uma proposta adiada, um encontro desmarcado, uma ocasião desperdiçada.

Entendi quando o Ronaldo Fenômeno, com seus lances imprecisos, desperdiçou a copa de 98: aquela paralisia também era minha.

Talvez fosse a paralisia daqueles tempos, à espera do fim...

Do século? Do milênio? Do mundo?

Ariana arranhou um namorado executivo, e me contou. Por despeito ou cumplicidade, eu fiquei amigo do Dionísio, antigo namorado dela, um exímio violonista de uma família de artistas e atletas.

Na noite da virada do milênio estávamos todos juntos. Depois do culto evangélico com minha família, foi festa sem fim: Ariana, minha musa, com namorado; Ravena, minha professora de beleza, que mudara de fase e nem se lembrava mais daquelas lições; Dionísio, meu amigo violonista, e sua família de atletas e artistas. E muitos, muitos artistas.

Na chegada dos anos 2000 eu beijei Marie, uma francesa que parecia saída de um livro de Simone de Beauvoir. Quer dizer, ela foi quem me beijou, porque eu era sabidamente um aluno de lições inconclusas.

Na virada do milênio, senti que aquela era minha virada existencialista. (Antes tarde...) Troquei Palmas por Goiânia, “para sempre” apaixonado por Ariana, a musa que só tive pelo telefone, e também por Ravena, a professora de beleza com quem vivi, sozinho, meu primeiro idílio. Talvez por causa da musa evanescente - ou terá sido por causa da fugidia professora de beleza? - voltei a andar sozinho, e nunca mais parei. Talvez tenha sido essa a falta que me moveu. Segue um poema daqueles tempos de ingênuo - e tardio - existencialismo.

Surto existencial

E que seja breve a nossa saga
Que nem seja saga
Seja um surto

Tua condição, beleza rara,
Deixe uma lacuna nesse encanto
para o pranto e o canto

Logo descobrindo a poesia
A lei da mais-valia
E isso é bom

Quero desposar-te, ter um filho
Meu delírio mau
Bem original!

Quero descrever-te ao teu ouvido
E um teu gemido eu quero ouvir
Teu existir

Acordar ao lado da donzela
Santa, pura
Fatigada, despida

Ah! agora a musa é comunista
E eu sou o artista das idéias tolas
Existencialista

Palmas, 01 de junho de 1998

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de idéias em prol da saúde dos trabalhadores.